

PRAGMÁTICA DA COMUNICAÇÃO

Escola de Palo Alto - Colégio invisível da comunicação: vários investigadores das ciências sociais, que começaram a estudar a comunicação numa perspetiva que na altura era inovadora, mas que nunca formaram uma estrutura institucional. Não havia uma escola que unisse este conjunto de investigadores. Um dos mais importantes investigadores é Paul Watzlawick.

Trabalharam essencialmente a questão da esquizofrenia. Como a presença dessas pessoas afetava a interação familiar. Construíram um conjunto de hipóteses (Teorias) que quiseram generalizar ao caso da comunicação interpessoal.

Pragmática da comunicação → Práticas reais da comunicação interpessoal, os efeitos que a comunicação pode ter nas pessoas envolvidas na comunicação. Tentar entender a interação que se passa na comunicação. O tipo de relações que as pessoas constroem quando comunicam. Porque é nessa relação que reside o centro da comunicação, daí depende o sucesso ou o fracasso da mesma.

Modelo que esta na base da teoria hipodérmica dos mass media Shannon e Weaver: comunicação humana numa forma unilateral e linear, há um emissor que controla o processo de comunicação e um recetor que tem um papel passivo e a comunicação realiza-se sobre o controlo do emissor através de um canal por onde codifica e envia a comunicação, o recetor tem apenas o papel de receber a informação. Só tem de conhecer o código para descodificar. As mensagens são unívocas (os significados estão contidos nas mensagens) e os códigos são sistemas fechados. O único problema com que se preocupavam estes engenheiros era de facto fazer com que seja possível transmitir o máximo de informação com o mínimo ruído no menor período de tempo.

P. Watzlawick

Sistema, ver algo como um sistema: é mas do que a soma das partes de todos os elementos, por causa do tipo de relação que existe entre todos os elementos. Os elementos estão interrelacionados entre si, influencia mútua e não unilateral, interdependência, não há emissor e recetor. Parte da visão global (macro) e trabalhar o micro. Conjunto de elementos interrelacionados e organizados de modo a constituírem uma unidade global. O todo é diferente da soma das partes.

Interações: (influências recíprocas) entre os elementos ou sistemas, e não só elementos ou sistemas isolados.

Visão global: que inclua o conjunto das variáveis, partindo do todo para o pormenor.

Complexidade: ao estudar um evento comunicativo é sempre necessário contextualiza-lo em diversas camadas, micro-macro.

Poe em causa a ideia de Shannon e Weaver de que o recetor controla a ação comunicativa, dizendo que todos os elementos são interdependentes.

A comunicação não é algo que ligamos e desligamos, não é só o falar, de que há sempre alguém que controla quem começa e termina a comunicação, mas sendo um processo, não podemos saber quando começou e quando acabou. A comunicação é um processo contínuo e não podemos deixar de comunicar.

A comunicação não é um processo intencional, não está dependente da vontade de alguém, da intenção de alguém mas que é um processo que não controlamos e e nessa medida não podemos descomunicar.

Ex: não comunicação não verbal, às vezes transmitimos coisas que não conseguimos controlar.

Comunicar não é só falar, se não seria intencional.

Nunca chegou a haver um termo para designar os participantes da comunicação a partir desta perspetiva mas podemos chamar de comunicadores.

Não o porque mas para quê, coloca-las dentro do contexto e ver como esses elementos estabelecem relações.

Dois metáforas que nos permitem contrapor a comunicação da pragmática e a de Shannon e Weaver:

→ Modelo transacional da comunicação : não há emissores nem recetores, há comunicadores. Participam de forma igual, e frequentemente de forma simultânea, no processo de comunicação.

→ Modelo orquestral da comunicação: comunicação é como um telégrafo (Shannon e Weaver), uma orquestra sem maestro - apesar de não haver maestro na comunicação interpessoal, não há uma partitura, mas todos os elementos estão interligados entre si e funcionam. A partitura existe, apesar de não termos a ideia de que está presente, não temos consciência, exemplo: ordem social, língua. Remetem-nos para a ideia de uma gramática da comunicação que não está escrita em lado nenhum, mas na verdade há regras que regulam o nosso comportamento comunicativo nas várias ações interpessoais, essa gramática é aprendida no quotidiano e portanto esse conhecimento permite que a comunicação funcione.

Essa gramática que Watzlawick quis observar, em famílias que têm pessoas esquizofrénicas que altera os padrões de interação considerados normais, a a partir da observação desses casos que procuraram identificar aquilo que chamamos da gramática da comunicação.

Mais do que entender as razões porque as pessoas reagem de determinada maneira, foi entender as regras dessa comunicação. O que interessou não foi compreender o que as pessoas tinham na cabeça mas sim compreender como é que a comunicação se estabelecia. O que importa compreender são os efeitos que a comunicação tem a nível interpessoal e a ideia que esses efeitos devem ser compreendidos num contexto. Surge a ideia de construir um conjunto de princípios que permitem explicar, segundo estes autores, o funcionamento da interação comunicativa, surgem da observação direta da interação comunicativa nas tais famílias com elementos que não funcionavam. Não é dizer como a comunicação deve ser, funcionar, mas é a partir de como é a comunicação que os autores construíram um conjunto de hipóteses para explicar.

1º Axioma: a inviabilidade da comunicação: não se pode não comunicar. é impossível não comunicar, tudo comunica, as palavras os gestos as posturas os objetos.

- Se a comunicação é comportamento, não há não-comportamentos, logo a comunicação é inevitável
- Se todo o comportamento numa situação internacional tem valor de mensagem, quer dizer, comunica ou influencia os outros, e estes outros não podem evitar reagir, então não podemos evitar a comunicação.

- Mesmo quando tentamos evitar a comunicação, estamos a comunicar que não queremos comunicar.
- Comunicamos mesmo quando estamos calados ou quando não queremos.
- A comunicação não ocorre só quando é intencional, ou consciente, ou quando há compreensão mútua. Não se limita à simples expressão verbal.
- Se todo o comportamento é comunicação, lidamos com mensagens multimodais (verbal, não-verbal, contextual) cada uma das quais qualifica os significados das outras.

Algumas estratégias usadas para evitar o compromisso comunicacional:

- rejeição da comunicação (não dar atenção ao outro)
- aceitação parcial (alimentar uma conversa de forma monossilábica)
- desqualificação da comunicação (pobreza de conteúdo)

2º Axioma: toda a comunicação tem uma dimensão de conteúdo e relação, a dimensão de relação influencia a forma como nós interpretamos o conteúdo.

Qualquer comunicação implica um compromisso com o outro e assim define a relação. Uma comunicação não só transmite informação (relato), como também impõe um comportamento (ordem).

→ relato: conteúdo da mensagem

→ ordem: como o conteúdo deve ser interpretado, ou seja, como deve ser recebida a mensagem

Quando as relações não são saudáveis isso tem efeito na interpretação do conteúdo do que o outro diz.

O nível do conteúdo corresponde à função descritiva da linguagem.

É o contexto, que define a relação inter-pessoal, que classifica o conteúdo da mensagem e é, portanto, de um nível superior (meta-nível).

- E.g. Chamar “preto” a alguém é um ato cujo significado varia, conforme o tipo de relação em causa e os protagonistas.

As informações sobre o contexto, ou sobre a relação, correspondem, portanto, à meta-comunicação.

Distorções:

- confusão entre conteúdo e relação
- rejeição clara e constante do conteúdo (constante rejeição do que o outro transmite)
- desconfirmação (ignorar o outro)

Comunicação paradoxal: acontece quando a pessoa não pode confrontar o dilema porque há uma diferença de poder e autoridade que a pessoa não tem escolha. Como não tem escolha não tem maneira de sair do conflito.

3º Axioma: A natureza de uma relação está na contingência da pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicadores. cada um persiste na atitude de atirar a responsabilidade para o outro. Porque entendemos o nosso comportamento como efeito do comportamento do outro quando na verdade são interdependentes.

Os atos comunicativos são fenómenos globais, inevitáveis e contínuos.

Porem, o recetor só pode utilizar uma parte dessa comunicação na forma de sequencia discreta de mensagens.

Cabe-lhe, pois, o trabalho de filtrar e pontuar esse fluxo contínuo, de modo a transformá-lo em unidades informativas.

→ pontuar: divisão da comunicação contínua em segmentos mais pequenos.

A pontuação tipicamente é feita para beneficiar o próprio. Vemos o nosso comportamento como reação ao comportamento do outro, como um efeito do mesmo.

4º Axioma: comunicação analógica e digital

→ Digital: corresponde aos símbolos de Pierce. A comunicação verbal, ou seus equivalentes expressos por signos aleatórios com códigos definidos. É simbólica e abstrata.

→ Analógica: corresponde aos ícones e índices de Pierce. Baseia-se na analogia, semelhança e associações. Toda a comunicação não verbal (movimento do corpo, tom de voz, postura, gestos, olhares, expressão facial) e pistas comunicativas presentes em qualquer contexto em que ocorre a interação.

A comunicação digital é mais abstrata, versátil, precisa e impermeável às emoções/sentimentos; tendemos a utilizá-la para comunicar informação.

A comunicação analógica é direta, plástica, sugestiva, mais ambígua; permite-nos uma interpretação mais pessoal do conteúdo/informação que é transmitida digitalmente. É mais adequada ao nível da relação.

5º Axioma: as interações comunicacionais são sistêmicas ou complementares, segundo se baseiem na igualdade ou na diferença.

Segundo Gregory Bateson: Tanto os grupos humanos em interação, como as pessoas no seio de uma família, tendem a comportar-se quer de um modo semelhante, quer de um modo diferente. Contudo, estas diferenças completam-se entre si, como se o seu conjunto reconstituísse o todo que se perdeu na diferença.

Interação simétrica: quando os comunicadores se vêem como iguais, “minimizando as suas diferenças e amplificando as suas semelhanças comunicacionais”.

Eventuais problemas: escalada simétrica - pode conduzir à competição e à quebra da relação.

Interação complementar: há uma subordinação de tipo inferior-superior que resulta frequentemente de papéis socialmente atribuídos, por exemplo, professor-aluno, patrão-empregado... Não é uma relação necessariamente forçada, mas antes assumida e induzida.

Os axiomas da comunicação: balanço

Segundo Watzlawick

• a boa comunicação é essencial para manter relações humanas saudáveis e satisfatórias.

Com os cinco axiomas, dá-nos a oportunidade de compreender as razões pelas quais há desentendimentos nas relações com os outros.

Cada mensagem integra dois tipos de informação: uma relativa a factos, sentimentos, opiniões (“conteúdo”); a outra expressa algo sobre as relações entre as pessoas.

• A forma como percebemos a relação é determinante para o sentido e posição que assumimos face ao conteúdo.

Cada um dos axiomas mostra que cada um de nós cria as condições para o modo como a comunicação se desenrola:

• A nossa percepção da realidade não é a realidade. Não podemos dizer que a nossa visão é “a visão certa”.

Qualquer problema na comunicação explica-se por disfunções relacionais entre os envolvidos na dinâmica interacional:

• Por isso, o problema não pode ser resolvido de forma independente por apenas uma das partes, e sem levar em conta o contexto em que ocorre.

A DISTÂNCIA NA COMUNICAÇÃO

A comunicação verbal é consciente, mas a não verbal é frequentemente inconsciente. Por isso, julgada mais credível.

Há vários tipos de comunicação não verbal:

- Environmental factor: elementos como mobília, cheiro, luz, arquitetura
- Proxemics: percepção do espaço pessoal e social de cada pessoa
- Kinesics: movimento do corpo
- Touching behavior
- Physical characteristic: características pessoais como o físico, hálito, peso, altura
- Paralanguage: tom, volume, intensidade da voz, ... características não-verbais do discurso
- Artifacts: objetos que estão em contacto com a pessoa por opção como perfume, roupa, batom,...

Comunicação verbal e não-verbal

Algumas semelhanças

- São as duas simbólicas, no sentido Peirciano.
- São as duas guiadas por regras.
- Podem ser intencionais ou não intencionais.
- São culturalmente específicas.

Algumas diferenças

- A comunicação não verbal parece mais “verdadeira” porque mais inconsciente.
- A comunicação não verbal pode implicar o uso de vários canais e modos de representação.
- A comunicação não verbal é contínua e analógica.

Aproxémica - termo cunhado por Edward Hall em 1963

→ estuda a percepção e uso do espaço pelos seres humanos enquanto elaboração especializada da cultura. Estuda as interações dos humanos na medida em que eles percebem e usam os espaços íntimos, pessoais, sociais e públicos em diversos cenários ou situações, de acordo com as regras implícitas dos paradigmas culturais.

Interesse no nível micro-cultural detalhado, na observação de comportamentos na cultura respetiva e noutras culturas.

Procura de padrões: transcendem as diferenças individuais e estão relacionados com a matriz social em que ocorrem; procura de estruturas inconscientes que organizam o comportamento proxémico de indivíduos de diferentes culturas.

Abordagem de E. Hall à cultura

Cultura: entendida como o modo de viver de um povo, a soma dos padrões de comportamentos aprendidos, hábitos, atitudes, costumes e coisas materiais.

- As culturas têm efeitos no modo como o mundo é percebido, o ego é experienciado e a vida é organizada. A experiência é percebida de forma diferente de acordo com a diferença dos filtros perceptivos de uma cultura para outra.
- Pessoas de diferentes culturas habitam mundos sensoriais diferentes, uma vez que a experiência é percebida através de um “écran sensorial cultural”.

A cultura molda os comportamentos, as práticas.

Os comportamentos humanos moldam a cultura

- Os seres humanos estão sempre a reconstruir os mundos em que vivem, as relações que têm com o tempo, o espaço e os objetos e os outros.

Os processos de modelagem recíproca entre seres humanos e cultura ocorrem de forma inconsciente:

- As regras que regulam os comportamentos dos grupos não são reconhecidas como tais; são vistas como algo “natural” e, nessa medida, como algo não questionável (lembrem-se de Berger & Luckmann)

A cultura como uma linguagem silenciosa

Edward Hall quis estudar este pano de fundo, “a linguagem silenciosa” que todos os membros de uma cultura partilham e comunicam uns com outros, sem disso se darem conta.

- O desafio real não é compreender culturas estranhas, mas a nossa. Estranhá-la, contrastá-la, diferenciá-la.
- Muitos fracassos da comunicação são devidos essencialmente ao facto das partes em presença não terem consciência de habitarem mundos perceptivos diferentes, precisamente por pertencerem a culturas distintas.

E. Hall distingue dois tipos de cultura

High-context cultures: ênfase no contexto da comunicação.

- Os comunicadores, na interpretação das mensagens, usam mais pistas não verbais e informação contextual (Ásia, Europa do Sul, África, América do Sul, cultura árabe).

Low-context cultures: foco na linguagem e nos significados das palavras;

- Usam menos pistas contextuais para enviar ou interpretar informação. Por isso precisam de informação de background mais detalhada e preferem orientações claras e explícitas daqueles que “sabem” (Suíços, Alemães, Escandinavos e Norte-Americanos).

Aproxémia de E. Hall

Objetivos daproxémia: comparar padrões proxémicos de diferentes culturas, com duplo propósito:

- Melhorar os modos de vida, de trabalho e das organizações das cidades.
- Fomentar a compreensão intercultural.

Aproxémia compreende o estudo social de vários tipos de espaço, leia-se, da percepção de vários tipos de espaço:

→ o espaço de características fixas (edifícios, divisões, passeios, ruas, cidades)

→ o espaço de características semi-fixas (colocação das peças de mobiliário numa casa)

→ o espaço pessoal (zona espacial em torno do corpo que se “desloca” com o indivíduo).

A gramática espacial das relações interpessoais e as variáveis respeitantes ao corpo na relação com o outro.

Espaço pessoal

A distância entre os corpos: Na vida quotidiana, as distâncias guardadas entre as pessoas são importantes para o modo como elas interagem e comunicam.

O comportamento proxémico no espaço pessoal: é um comportamento que se expressa na postura e orientação corporal, na proximidade em termos de toque, em comportamentos de contato, através do olhar, do olfato, da temperatura corporal e da voz. O comportamento proxémico é regulado pelos sentidos (olfato, tato, visão, audição).

Classificação do espaço pessoal:

1. Espaço íntimo
→ A bolha de espaço que circunda o indivíduo. Fronteira invisível em volta do corpo. Entram neste espaço só amigos próximos e íntimos. Quando é violado, leva ao afastamento, desconforto. O seu tamanho varia (segundo o tipo de relação interpessoal, a situação, a cultura).
2. Espaço social e de consulta
→ espaços em que as pessoas se sentem confortáveis na condução das interações quotidianas com conhecidos e estranhos.
3. Espaço público
→ área do espaço para além da qual as pessoas percebem as interações como impessoais e anónimas.

E. Hall correlaciona a distância física com a distância social e caracteriza quatro principais tipos de distância espaciais que existem em torno de uma pessoa, relativas portanto, ao que ele chama de “espaço pessoal”.

→ Íntima (0-40cm)

A visão, o cheiro, o calor do corpo, o ritmo da respiração, o cheiro e o sopro do hálito, consistem em conjuntos de sinais irrefutáveis de uma relação de comprometimento com um outro corpo.

→ Pessoal (45-125cm)

Este termo, devido a Hediger, designa a distância fixa que separa os membros das espécies sem-contacto. Podemos imaginar a coisa sob a forma de uma pequena esfera protetora, ou de um balão, que um organismo criasse à sua volta para se isolar dos outros.

→ Social (120-360cm)

“o limite do poder sobre outrem”. Altura da voz é normal.

→ Pública (entre 360-750cm)

Diversas transformações sensoriais importantes se verificam quando passamos das distâncias pessoal e social para a pública, situada fora do círculo imediato de referência do indivíduo.

Funções do espaço pessoal

Têm a ver com a regulação da fronteira interpessoal:

- a) Proteção: amortece contra ameaças físicas ou emocionais;
- b) Ajustamento: regular quantidade de informação sensorial que temos dos outros;
- c) Comunicação: regula proximidade ou distância desejadas.

O comportamento proxémico e a cultura

É guiado pelo modo como percebemos o espaço pessoal, a distância entre os corpos comunicantes.

- A percepção envolve sempre seleção - de informação sensorial - e envolve representação.
- Essa percepção depende das relações interpessoais, dos sentimentos e das atividades envolvidas numa dada situação social.
- É também influenciada pela idade, estatuto social, personalidade e sentimentos dos comunicadores, e claro, cultura.

Ou seja, se bem que as culturas em que nos inscrevemos guiam os nossos comportamentos proxémicos, importa não esquecer a diferenciação social, situacional e pessoal dessas expressões proxémicas

Distâncias e Idades

As crianças usam o espaço interpessoal de forma muito diferente dos adultos: à medida que crescem usam cada vez maiores distâncias interpessoais, até estabilizarem nas que são as codificadas pela sua cultura (Pagán & Aiello, 1982; Willis et al, 1979).

- Nas culturas anglo-saxónicas o limite dos dez-doze anos é aquele que é considerado como o normal para a interiorização de algumas regras fundamentais de distanciação interpessoal (Aiello e Cooper, 1979; Aiello, 1987).

- Aos 7 anos, é frequente estas crianças conversarem a distâncias íntimas (30cm a 50cm), mas aos 17 anos essas mesmas conversas já se processam a distâncias sociais próximas.

Distâncias, Idades e classe social

Essas distâncias dependem também de outros factores: por exemplo, das culturas de origem; da classe social.

- Crianças brancas, da classe média mantinham maiores distâncias entre si do que crianças porto-riquenhas e negras de classes baixas (Aiello em Jones 1971).
- Crianças brancas e negras: menores distâncias nas meninas do que nos rapazes, mas em função da etnia. As crianças negras mantinham maiores proximidades entre si (Duncan (1978).

Distâncias e diferenças de género

Regra geral: as pessoas do sexo masculino mantém entre si maiores distâncias do que as do sexo feminino (Aiello, 1987).

Mas há que considerar também: a idade, o grau de conhecimento e a proximidade afectiva, respetivo estatuto social e situação social em que se processa a interacção.

- Observou-se quase sempre que mulheres amigas ou conhecidas falam entre si com maior tolerância de proximidades físicas do que os homens amigos ou conhecidos, embora isso pareça ser válido só a partir da adolescência, quando os códigos culturais estão já interiorizados (Aiello, 1987).

Cuidados na aplicação desta categorização

É errado tratar o espaço como um fator não verbal que vale por si só. É necessária muita informação contextual. Transgressões às distâncias íntimas podem acontecer todos os dias.

- A enorme variação cultural e subcultural dos códigos implícitos, que regem o uso das distâncias interpessoais, exige muita prudência nas interpretações.
- A ausência de estudos de proxémica realizados em Portugal impede-nos de adiantar quaisquer conclusões que estejam relacionadas com a nossa cultura.

Provavelmente não estaremos longe dos padrões encontrados noutras culturas latinas, com as inerentes variações intraculturais respeitantes à idade, ao sexo, à classe social, ao grau de relacionamento entre os intervenientes e ao contexto das interações.

A proxémia tem sido usada no design de tecnologias interativas sem toque: estudos da interação no teatro de operações em neurocirurgia e em estudos tecnológicos relativos à interação humano-robots, explicar o modo como as pessoas usam as distâncias quando interagem com robots.

O SILÊNCIO NA COMUNICAÇÃO

Definições de silêncio:

1. Silêncio como fenómeno acústico: relacionado com o som; ausência de ondas sonoras.
2. Silêncio como fenómeno político: ligado à censura, repressão ... parte de uma conspiração de silenciamento. Análise Macro.
3. Silêncio como situação: elemento significativo e constitutivo do ambiente da fala, da comunicação interpessoal; reflete geralmente a ausência da fala por razões instrumentais ou estratégicas. É o silêncio eloquente. Análise Micro, situacional e internacional.

→ 1

Silêncio como ausência de sons audíveis

A maioria das definições do silêncio centra-se no lado acústico:

- O silêncio como ausência de produção de som físico, cessação de barulho ou ruído.
- Para outros, como por exemplo, John Cage, o silêncio implica sempre o seu oposto e depende da sua presença.

→ 2

O silêncio como opressivo, parte de uma conspiração de silenciamento

Estudos do silêncio como fenómeno macro: democracias ocidentais

Silêncio visto como uma situação negativa, forçada, oposta à liberdade de expressão e resultado de relações de poder

- Repressão e censura imposta sobre a voz e a sua expressão livre.
- Cumplicidade, falta de coragem, alienação, desinteresse pela vida pública – “Quem cala, consente”.

Silêncio e democracia

- Silêncio conspirador: Simmel (1906) *The Sociology of Secrecy and of Secret Societies*.

- Silêncio que esconde a verdade e oculta a realidade: coisas sobre as quais não falamos nas relações comuns nas esferas pessoais e políticas (Zerubavel, 2006).

A teoria da espiral do silêncio de Noelle-Neumann (1974)

- Disponibilidade do indivíduo para expressar a sua opinião depende do modo como ele ou ela percebe a opinião pública. As crenças, opiniões, atitudes e comportamentos do indivíduo são sempre função do que os outros fazem ou dizem.
- Opinião pública entendida como controlo social - o seu papel é assegurar a integração social e um nível suficiente de consenso onde as decisões e ações se possam fundar.
- Os sistemas sociais ameaçam os indivíduos com isolamento social para assegurar a coesão social; ao mesmo tempo os indivíduos partem da sua percepção da opinião pública para ver que opiniões e modos são aceites e quais os que os levam ao isolamento social.

→ 3

O silêncio como fenómeno da comunicação interpessoal, pragmático.

O silêncio eloquente: Ocorre em espaços onde pessoas partilham o silêncio como mecanismo constitutivo que permite que certas experiências aconteçam. Presente, por exemplo, na arte, na esfera religiosa e em rituais formais.

Os múltiplos sentidos do silêncio eloquente:

- É multifacetado
- É frequentemente ambíguo no significado. Não é em si positivo ou negativo
- Como elemento da interação, pode ter funções positivas ou negativas para a relação entre os interlocutores
- Tem sentidos interpessoais ambíguos e contraditórios
- A situação de comunicação em que ocorre o silêncio é decisiva para a sua interpretação:
 - × Dimensões relacionais entre os comunicadores;
 - × Dimensões sócio-culturais: quadro normativo cultural em que se inscrevem; posição, estatuto, género, idade, etc. dos participantes.
 - × Espaço: características físicas;
 - × Propósitos, normas, etc.

Funções do silêncio eloquente:

- Função emotiva: expressar emoções através do silêncio, tanto em situações de comunicação em que tal é a norma (e.g. funerais), como noutras em que não o é (e.g. não aplaudir).
- Função referencial: respostas elípticas; interrogações que não recebem resposta oral, mas são respondidas pelo silêncio.
- Função conativa:
 - × Casos de silêncio preventivo - palavras tabu
 - × O “tratamento do silêncio”;
 - × O silêncio como concessão - “quem cala, consente”;
 - × As perguntas retóricas.
- Função tática: usar o silêncio como forma de assegurar manutenção do contato
- Função poética: criar efeitos de silêncio na mensagem escrita
- Função metalinguística: uso do silêncio eloquente para indicar a passagem de vez numa conversação; silêncio, não porque não tenho nada para dizer, mas porque considera que a linguagem é inadequada para o efeito.

Explorar a dimensão analógica da comunicação: espaço e silêncio

Espaço: Edward Hall

Dimensão oculta tem a ver com a questão do espaço. Como o espaço comunica. Salienta que o espaço sendo uma questão física adquire vários significados segundo as diversas culturas. Como elas influenciam a forma como nós percebemos o espaço. Essa dimensão física pouco importa por si só, o que importa é como as pessoas interpretam essas distâncias e como lhes dão sentido. O que para nós é distante para uma pessoa doutra cultura pode ser em termos físicos a mesma coisa mas ser lido de forma diferente.

Espaço fixo: configurações das cidades, os planos municipais. Espaço semi-fixo: objetos... sala de aula.

O espaço organiza a comunicação, afeta o tipo de comunicação que se realiza nestes espaços. Afeta a interação interpessoal entre as pessoas.

Espaço pessoal: distancias guardadas entre os corpos que comunicam e essas distancias não acontecem por acaso, apesar de não pensarmos sobre isso tirando quando estamos com estranhos, as distancias produzem significados importantes sobre o tipo de relação que temos com a pessoa, sobre a situação social em que estamos.

A distância física e os significados que atribuímos a essa distancia, pode-nos dizer alguma coisa sobre as relações sociais que estão ali em causa e como é que os significados que atribuímos as relações variam com as culturas com as quais nos identificamos.

Distância íntima: reservamos para as pessoas com as quais temos algum tipo de intimidade. A dimensão sensorial é muito importante para esta percepção da distancia, todos os sentidos a visão, audição... é dessa informação que nós temos um sentimento maior ou menor de proximidade.

A distancia que mantemos uns dos outros quando estamos a comunicar, ao olhar para essa distancia podemos perceber muitas coisas, a distancia expressa muitos significados. Tem várias dimensões sociais e culturais. Através da análise da distancia posso perceber o tipo de relação que elas mantêm entre si. Perceber a cultura em que elas se inscrevem.

Como é que organização (de uma cidade por exemplo) reflete uma dada ordem social e cultural. Os pobres mais pobres estão localizados num curto sitio da cidade e os ricos têm certas zonas específicas.

Organização pessoal: é a distancia na interação

Dimensão oculta: dimensão cultural, da qual não temos consciência, pois faz parte do nosso habitus.

Pro-sémica: dimensão social da comunicação.

Comportamento não verbal: sinética: dimensão comporal (olhares, gestos...);

Visual bem como os restantes sentidos.

Todos os fatores ambientais comunicam alguma coisa (o próprio espaço tem uma dimensão comunicativa).

O toque tem muito a ver com a cultura a que cada um dos participantes pertence.

Paralinguagem: ritmo, volume da voz...

Artefactos: tem a ver com os ornamentos que usamos, a maneira como nos apresentamos, que têm influencia na comunicação.

A comunicação não verbal é vista como mais verdadeira e credível (mais espontânea) vs comunicação verbal (mais consciente e intencional)

Como é que usamos os espaços e como é que esses usos e essas percepções têm interferência.

Contexto: EUA → sociedade hibrida multicultural.

Dimensão oculta: procurou perceber a relação entre o comportamento proxémico e a cultura das pessoas que estão a comunicar.

Cultura é um conceito complexo: high culture (musica clássica, literatura) vs slow culture (musica pop).

Sentido antropológico do termo: algo que está sempre em movimento; cultura francesa vs portuguesa vs norte americana. → a cultura tal como a ordem social não é homogénea, varia conforme o género, a idade a localização; expressa as diferenças sociais (apesar da sua tentativa de representar o todo).

A cultura não é permanente; modos de sentir, pensar, agir e de avaliar a realidade que orientam o nosso comportamento em diversas situações (interiorizada, da qual não temos consciência → habitus de Bourdieu, disposições internas, interiorizadas) como espécie de guia.

Relação habitus/cultura: o próprio espaço pessoal também tem a ver com a cultura, lá fora uma distancia muito próxima não é bem vista.

Logo pessoas de diferentes culturas percebem o mundo de diferentes sentidos (proximidade vs distância que vemos os outros quando estamos a comunicar) → a cultura seria um ecrã que regula os significados que atribuímos aos comportamentos comunicativos.

Muitos conflitos atuais que existem relacionam-se com choques culturais.

Ex: humor inglês vs humor português.

Hall: foi destacado pelo estudo da percepção visual → ex: perante vídeos e imagens a dimensão proxémica é muito importante.

Segundo Hall, o nosso comportamento, é comparado ou semelhante ao dos animais da marcação delimitação do território. Cães urinam; na sala de aula colocamos as nossas coisas na mesa em que nos encontramos é o nosso espaço pessoal.

Proxémica: estudo dos vários tipos de espaço → três dimensões de espaço:

- espaço de características fixas: ruas, cidades, edifícios...
- semi-fixo: disposição dos elementos
- espaço pessoal: espaço do nosso corpo que ganha significados específicos na interação comunicativa

A dimensão física do espaço só importa quando lhe dá-mos significados concretos → logo o espaço é uma construção.

Elementos que influenciam a percepção do espaço pessoal: a percepção implica uma seleção e uma representação, implica uma atividade (não passiva) do indivíduo, que dá um significado particular

Como é que a percepção varia consoante a cultura.

Vários tipos de espaço dentro do espaço pessoal:

-espaço íntimo, apenas permitimos que certas pessoas entrem nesse espaço

Espaço pessoal → funções:

-proteção

-ajustamento: quando sentimos o nosso espaço violado, aproximamo-nos ou distanciamos-nos

Quatro tipos de distância dentro do espaço pessoal:

- a íntima: dimensão mais próxima; tendemos a olhar nos olhos da pessoa
- pessoal: distância do dia a dia (próxima vs afastada)
- social: normalmente reservada a estranhos
- pública: dimensão mais afastada. A nível dos sentidos o que importa mais é a voz e a expressão facial é menos importante neste contexto. Ex: uma apresentação

O que importa são os significados que atribuímos a essas distâncias.

As crianças têm outros sentidos de espaço pessoal.